

DA ITÁLIA

Roma, outubro — O que acontece na Argentina repercute muito na Itália — devido, certamente, à onda emigratória. A revolta contra Perón ocupou numerosas páginas dos jornais e revistas. Arrigo Benedetti conta as impressões que seus patricios de Lucca, que emigraram para a Argentina e voltam para visitar a terra, têm de Perón e Eva.

"Evita corre o risco de se tornar para os argentinos o que foram, para Mussolini, Galeazzo Ciano e Achille Starace. Quando Perón inaugura um monumento e quer que apareça o nome da mulher junto ao seu, com a inscrição "Evita dignifica", o povo se aborrece. Também quando se fala da riqueza da família imperial a culpa não é posta sobre Perón, mas sobre sua bela senhora. Evidentemente a ditadura pessoal de Perón ainda não chegou ao seu 25 de julho. Entrou, porém, naquela fase turva, que todas as ditaduras conhecem, em que a opinião pública, ainda não bastante ousada para acusar a pessoa que tem a maior responsabilidade, se lança contra as que estão ao seu lado. Perón... não pode fazer como fez Mussolini em 1939, licenciando Starace ao reventar a guerra entre a Alemanha e os Aliados; nem pode, como fez Mussolini, ao aumentarem seus embaraços militares, licenciar o genero. Eva não é um ministro: é sua mulher".

* * *

Andei pensando em aplicar uma parte de meus capitais comprando ações de algumas companhias italianas — mas é uma revista conservadora, *L'Europeu*, que me faz desistir. O movimento da Bolsa é muito fraco. "Os aumentos de capital são acompanhados por quedas bruscas na cotação dos títulos; o lançamento de empréstimos por meio de obrigações consegue dificilmente colocação... O mercado financeiro italiano caiu em uma espécie de estado de atonia que ameaça tornar-se crônico: enquanto em 1949 a indústria obteve na Bolsa 285 bilhões de dinheiro fresco, em 1950, apesar do aumento da produção, obteve apenas 153 bilhões."

*Argentina
Itália*

A revista confronta os níveis do mercado em 1938 e agora; "Um particular que em 1938 empregou 100 liras em ações da Fiat possui 2.200 liras. O aumento de sua economia é apenas fictício; na realidade, se levarmos em conta a desvalorização da moeda, ele perdeu mais da metade de seu capital. Assim acontece com quase todos os títulos italianos; levando em conta que a lira de 1938 até hoje se desvalorizou mais de 50 vezes, é fácil compreender o prejuízo dos portadores de ações da indústria de construções, aumentada apenas 34 vezes; da indústria financeira, aumentada 23 vezes; das indústrias mecânicas, aumentadas 16 vezes. Só a indústria têxtil correspondeu à confiança do público: suas ações aumentaram 60 vezes de valor, superando, assim, a desvalorização da lira."

A articulista examina os motivos dessa atonia: escassez de capitais, taxas bancárias elevadas, déficit do orçamento provocando emissões, e baixo rendimento de algumas indústrias. "Mas acreditamos não estar longe da verdade afirmando que a maior razão da desconfiança com que os italianos olham o mercado financeiro está nas grandes manobras da Bolsa. A imprevisão queda dos títulos mais sólidos, a política industrial de grupos, a falsificação de balanços... são campo de domínio exclusivo de poucas dezenas de famílias que se servem do grande e ingênuo exército dos pequenos portadores de títulos como de imensa boiada destinada à "matança". O grande mal que aflige a indústria nacional consiste na concentração em poucas mãos do capital financeiro".

A revista acaba propondo várias medidas para remediar isso. "O problema é grave, não pode ser deixado apenas como campo de exploração à demagogia comunista".

17/10/51

R. B.